


---

**ESBOÇOS DO ARCABOUÇO ENSAÍSTICO-  
TRADUTÓRIO DE HENRYK SIEWIERSKI: UM  
SCHOLAR NA INTERFACE DE DOIS MUNDOS**

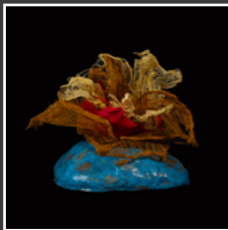
*OUTLINES OF HENRYK SIEWIERSKI'S  
ESSAYISTIC AND TRANSLATIONAL  
FRAMEWORK: A SCHOLAR AT THE  
INTERFACE BETWEEN TWO WORLDS*

---








Fernando Antônio Dusi Rocha    
UnB | [rocfernando@gmail.com](mailto:rocfernando@gmail.com)

**CERRADOS**

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM LITERATURA — UNB



**ORGANIZADORES:**

-   André Luís Gomes
-  Ana Laura dos Reis Côrrea
-   Joao Vianney Cavalcanti Nuto
-   Paulo Petronilio Correia

**CERRADOS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 34, n. 69, 2025  
Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v34i69.60248

**FLUXO DA SUBMISSÃO**

Submetido em: 31/10/2025  
Aceito em: 29/11/2025

**DISTRIBUÍDO SOB**



## Resumo

O propósito deste ensaio é surpreender na obra ensaístico-tradutória do professor polonês Henryk Siewierski indicativos que permitam sugerir alguns influxos decisivos ao seu eixo teórico, e, a partir dessas investigações, especular sobre aportes teóricos reputados enquanto os mais notáveis em sua trajetória como *scholar* de nome internacional e como tradutor criativo, que percorre férteis vias de conexão entre as línguas portuguesa e polonesa. Nesta tarefa, apresentam-se algumas ilações teóricas minimamente coesas com os principais pilares do arcabouço conceitual de Henryk, com o zelo de não se recair em reduções descabidas e agravosas ao seu pensamento. Quer-se demonstrar como o papel desempenhado pelo leitor/receptor da obra literária é uma das inquietações cruciais de Siewierski e como a centralidade do processo interpretativo no texto literário, segundo ele, não pode se separar da relação dialógica, firmada entre obra e sujeito interpretante — o que implica, em última instância, uma performance essencialmente fenomenológica por parte do leitor.

**Palavras-chave:** Teoria literária, estudos de tradução, Henryk Siewierski.

### Abstract

The purpose of this essay is to highlight aspects of the essayistic and translational work of Polish professor Henryk Siewierski that suggest some decisive influences on his theoretical approach. Based on these investigations, this study aims to speculate on the theoretical contributions considered most notable in his career as an internationally renowned scholar and creative translator, who explores fertile avenues of connection between the Portuguese and Polish languages. In this work, we aim to present some theoretical conclusions that are minimally consistent with the main pillars of Henryk's conceptual framework, taking care not to falsify the study's aims by speculating on theoretical contributions that are considered inappropriate and potentially detrimental to his thinking. The objective is to demonstrate how the role played by the reader/receiver of the literary work is one of Siewierski's crucial concerns and how the centrality of the interpretive process in the literary text itself, according to him, cannot be separated from the dialogical relationship established between the work and the interpreting subject. The latter ultimately implies an essential phenomenological performance on the part of the reader.

**Keywords:** Literary Theory. translation studies, Henryk Siewierski.

O propósito deste ensaio é apresentar, *à coup d'œil*, alguns recortes e apontamentos sobre a biografia e a vasta produção ensaístico-tradutória do Professor Henryk Siewierski, publicada tanto no Brasil, quanto na Polônia e em outros países, que se engrena desde os anos oitenta do século 20 e prossegue vívida em nossos dias. Busca-se surpreender na obra de Henryk — em sua longa e destacada atividade como professor, teórico literário e tradutor — indicativos que permitam vislumbrar alguns influxos decisivos ao seu eixo teórico, e, a partir dessas investigações, especular a respeito de fiadas nevrálgicas de seu pensamento, avistadas tanto nas têmperas dum *scholar* de nome internacional quanto dum tradutor criativo e fecundo, que favorece as férteis vias de mão dupla entre o português e o polonês.

É pertinente registrar, como primeira nota prévia, a dificuldade de se priorizarem os recortes sobre a extensa produção ensaística, tradutória de Siewierski. Impõe-se abrir um leque de opções, ventilando alguns tópicos mais expressivos na vastidão de indicadores e buscando vislumbrar ilações teóricas minimamente coesas com os pilares do arcabouço teórico de Henryk. De mais a mais, mostra-se necessário ter todo zelo nessa tarefa, para que não se recaia em reduções descabidas e agravosas a esse *corpus* — pois, afinal, como assinala Agostinho da Silva (2019, p. 35), “a obra nunca se sacrifica.”

A segunda observação preliminar a ser feita — antes de se avançar na biografia de Siewierski — diz respeito à primazia que se dá, na sinopse bibliográfica levada a cabo neste ensaio, a algumas produções teóricas publicadas na Polônia e noutros países não falantes de língua portuguesa. Os informes, de soslaio, a respeito do conteúdo dessas obras procuram satisfazer o interesse ao estudioso dos escritos de Siewierski, na medida em que, ao se acessarem as informações curriculares do professor polonês, depara-se com um rol de trabalhos em polonês, a cujo título sequer tem-se uma janela tradutória. A fim de tentar suprir essa lacuna, dar-se-á notícia neste ensaio das principais obras teóricas de Siewierski em polonês e noutras línguas. Com isso, acredita-se ser possível

visualizar a sincronicidade da produção no exterior com as obras e trabalhos publicados em língua portuguesa.

Henryk Siewierski possui graduação no curso Filologia Polonesa na Universidade Jaguelônica (UJ) de Cracóvia, Polônia (1969-1973), onde também fez mestrado em Literatura Polonesa (1974) e doutorado em Ciência da Literatura (1980). Nos anos 1974-1985 foi professor assistente e depois adjunto no Instituto de Filologia Polonesa da mesma Universidade. No ano 1981, foi nomeado leitor de Língua e Cultura Polaca na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito do acordo cultural entre Portugal e Polônia, assinado depois da “Revolução dos Cravos” de 1974. Por lá ficou até 1985. No ano seguinte, veio ao Brasil a convite da Fundação Nacional Pró-Memória. Na mesma data começou a colaborar com a UnB, ao criar, junto com o Prof. Marcus Braga, no Departamento de História, o Núcleo de Estudos da Europa do Leste. Em 1988 começa a lecionar no TEL como Professor Pesquisador do CNPq. Desde 1992 é professor efetivo no mesmo Departamento (hoje, professor titular).

Quando de seu curso de graduação, foi aluno de alguns dos maiores historiadores, críticos e teóricos da literatura na Polônia, como Prof. Kazimierz Wyka (orientador do mestrado), Prof. Julian Maślanka (orientador do doutorado), Prof. Henryk Markiewicz, Prof. Jan Błoński, Prof<sup>a</sup> Maria Zmigrodzka, Prof. Tadeusz Ulewicz, Prof<sup>a</sup> Maria Miodonska-Brookes, assim como o filósofo, prof. Józef Tischner. Ainda na graduação, começou a colaborar com revistas literárias e culturais (*Życie Literackie*, *Tygodnik Powszechny* e *Znak*), publicando resenhas literárias e ensaios. Seus estudos de pós-graduação concentram-se na época do Romantismo, em particular na obra do poeta e dramaturgo polonês Cyprian Norwid, tema de dissertação de mestrado e tese de doutorado. Estes trabalhos e suas publicações posteriores sobre a obra daquele autor são a contribuição mais relevante dos seus estudos da literatura polonesa.

Depois da sua ida a Portugal e ao Brasil, além dos estudos e publicações relativos à literatura polonesa, dedica-se aos estudos

nas áreas de teoria literária, literaturas de língua portuguesa – brasileira em particular – e tradução literária.

Logo depois de começar a lecionar na Universidade de Lisboa, Henryk é contactado pelo Professor Agostinho para dar-lhe aulas de polonês. Agostinho retorna a Lisboa, depois de aposentado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Nesse primeiro encontro entre o grande visionário português e o jovem professor polonês, firma-se um trato, que é o prólogo doutros tantos: Henryk dá aulas de polaco a Agostinho, e, em troca, este lhe introduz nas veredas da nossa língua. As aulas, no entanto, são tanto de língua quanto de história e literatura portuguesas. Um dos primeiros frutos desse intercâmbio é a tradução conjunta de dois poemas de Ossip Mandelstam, (Agostinho, versado em russo, faz a tradução poética; Henryk, a técnica). Pouco depois, Henryk é presenteado pelo filósofo português com *Mensagem* de Fernando Pessoa — obra primacial para iniciação dum professor de literatura polonesa nas façanhas literárias dos portugueses, a qual, mais tarde, será vertida por Siewierski para sua língua, juntamente com o próprio Agostinho.

Verdade seja que entre Agostinho e Henryk se estabelece uma franca e recíproca estima, além duma proximidade intelectual que renderia, no futuro, obras e contributos expressivos à fortuna do filósofo português. Talvez o mais importante quinhão incorporado por Henryk ao memorial do inigualável Agostinho tenha sido a segunda e integral edição da *Vida Conversável*, publicada em Portugal (2020): uma valiosíssima compilação de entrevistas feitas em 1985 em fitas cassete, com transcrições pelo próprio Siewierski, revistas pelo próprio Agostinho. Lamentavelmente, essa obra ainda é inédita no Brasil.

Na nota final da *Vida Conversável* (2020), o Prof. Agostinho registra o excelente convívio mantido com Henryk durante os quatro anos em que este o ensinou polonês e literatura polonesa da Universidade de Lisboa. São palavras de Agostinho no posfácio desse livro:

[...] Quanto excelente professor e quanta sorte a minha. Em tudo, vida e conversa — a tal “vida conversável”, como lembrou Siewierski, tomando as palavras de Pero de Sousa. E em tudo houve a experiência, a que chamaria um outro nosso autor “madre de todas as coisas.” Muito conversamos nós dois, o Professor e eu, e se lembrou o nosso amigo de recolher o que dizia e de o oferecer para publicação, já que apareceu benevolente Editor [...] *Claro que não falei somente eu: falou, e muito, e lucidamente, e com todo interesse em penetrar o mais possível na cultura portuguesa, o Professor Henryk Siewierski, e a ele, afinal, se deve o volume.* (Silva; Siewierski, 2021, p. 391-392, itálicos não originais)

Da foz do Tejo em fora, é razoável dizer o quão decisiva é a influência do pensamento de Agostinho da Silva nos horizontes de Henryk. Sem demora, este dá-se conta da grandiosidade daquela “alma febril da estirpe dos navegadores”, como define Giannetti (Silva, 2019, p. 26). Incorpora Siewierski, à viva força de espírito, os ideais e prodígios de Agostinho. Fascina-se com os projetos do Quinto Império, radicado na Coroação da Criança como Imperador do Mundo e na governação da Criança, paradigmas que qualificam o Império Espiritual, a educação e o futuro que nele se potenciam, para extravasar noutras culturas. Aprende com o memorável Professor Agostinho a ter *saudades do futuro* e a ver que o “português, na sua forma perfeita, é um homem animado de saudades do céu, à Bartolomeu dos Mártires, de saudades do Paraíso” (Silva, 2000, p. 159) e que “é esse o gosto e essa vontade [que] ligam a Ilha dos Amores ao projeto popular do culto do Espírito Santo” (Silva, 2000, p. 159).

Abre-se Henryk à percepção — colhida do ideário de Agostinho — de que os povos lusófonos são senhores duma cultura infundida por virtudes próprias e capazes de apresentar canais inéditos

de renovação e correção de rumos, diante dos desafios da contemporaneidade. Instilado pelo gênio do grande Agostinho, noutra cutucada do destino, é convidado a ir ao Brasil — nossa irrealizável Ilha dos Amores. Em 1985, dá-se o aceno de trabalho no nosso país, por iniciativa da Fundação Nacional Pró-Memória do Ministério da Cultura, para que Siewierski pudesse colaborar no projeto de estudos do patrimônio cultural da imigração polonesa no Brasil. E, de fato, aqui aportou, já tendo cravado na alma um dos grandes postulados do pensamento universalista de Vieira: “Para nascer, pouca terra, para morrer, toda a terra. Para nascer, Portugal: para morrer, o mundo”(Vieira, 2000, p. 285).

Seguramente, aragens do pensamento de Agostinho da Silva são sentidas em algumas obras, contributos teóricos e conferências de Henryk — e, atreve-se a dizer, notadamente na sua singular e instigadora pedagogia. Siewierski traz assinalada em sua história pessoal “o irredutível amor da liberdade que [...] é a essência do homem” e fato crucial da urdidura da raça humana (Silva, 2019, p. 17) — a liberdade plena, tão cara à cartilha agostiniana, que fundamenta o próprio destino e a justificação do homem.

A impossibilidade de palmilhar os territórios da Ilha dos Amores não obsta que Henryk percorra, em suas investigações e trabalhos ensaísticos escritos em vernáculo, as veredas da superabundância cultural, geográfica, social e racial dos Brasis — mormente, de nossa fortuna literária. O aprendizado havido com o Frei Bartolomeu dos Mártires de ter *saudades do futuro* faz de Siewierski um polonês tomado de amores pela nossa inverossímil Ilha dos Amores. Arrebata-lhe a policromia da cultura brasileira, e torna-se uma voz estrangeira habilidosa a esmiuçar a desesperança ancestral de nossas gentes, examinando as representações literárias do cotidiano de nosso povo desde os seiscentos. A mãos pródigas, aventura-se, por exemplo, na pesquisa sobre a obra do jesuíta Pe João Daniel (*O tesouro descoberto no Máximo do Rio Amazonas*), que gera seu excelente opúsculo *Livro do rio máximo do Pe João Daniel* (2012). Para Henryk, a Amazônia desvela-se como o paraíso imperdível, e sobre suas representações literárias

debruça-se com empenho, escrevendo, a título de exemplo, sobre o poeta Thiago de Mello.

Perscruta, também, o *scholar* polonês a utopia e a antropofagia, numa pesquisa sobre a compreensão da relação entre a Europa e o Mundo Novo. Faz convergências entre Stefan Zweig e Agostinho da Silva, vasculhando a irresolvida questão de ser o Brasil o país do futuro. Contribui para a avaliação e seleção de obras de literatura visando à composição de acervos para escolas públicas que atendem séries/anos finais do ensino fundamental e médio. Escreve, ainda, sobre a História do Futuro do Padre Antônio Vieira e sobre os índios yanomamis. *Et sic sequitur.*

Fenomenológico da melhor linhagem, Henryk sempre opta pela via da experiência, decantada por uma disciplina interna sempre límpida e pura, e nessas bases constrói seu edifício teórico e tradutório. Com os cruciais aportes teóricos havidos de seus mestres na Polônia e em Portugal, ele contribui para tarefa interpretativa do Brasil, mediante a investigação de temas e autores brasileiros canônicos ou não. Concorre, decisivamente, para que o retrato deste país que o acolheu — *Brazylia* — abandone a palidez e adquira cada vez mais viveza entre seus compatriotas, por meio de traduções hábeis o bastante para dar-lhes a conhecer o que há de mais genuíno na nossa cultura e literatura.

Siewierski — em fertilíssima via de regresso — também colabora profusamente para que sua *Polska* deixe de ser apenas a terra natal de Karol Józef Wojtyła, ao desvelar a tantos leitores brasileiros a nomes constelares da enorme fortuna literária e cultural de seu país. Nesta última tarefa, especialmente, não se pode deixar de pôr vistas sobre a excepcional *História da Literatura Polonesa* (2000), obra em que Henryk oferece um panorama enxuto e eficiente da colossal história literária dum país que contabiliza cinco láureas do Nobel de Literatura.

## 2

Foi preciso recorrer ao próprio Henryk para se obter uma amostragem de obras publicadas em polonês e em outras lín-

guas não portuguesas, referidas em seus *curricula*. Henryk optou por oferecer o inventário mais expressivo das suas obras publicadas na Polônia, das últimas publicações de capítulos de livros e artigos em revistas polonesas, de alguns capítulos de livros e artigos em publicados em revistas em inglês e espanhol, das suas traduções do português publicadas em seu país e das versões para o português de autores poloneses.

O elenco das publicações mais relevantes em língua polonesa é a seguir apresentado com uma sinopse cintada pelo próprio Henryk: *Spotkanie narodów (Encontro das nações)*, publicada pelo *Institut Litteraire* (Paris, 1984), obra que analisa os testemunhos literários e relatos dos deportados para a União Soviética durante a 2ª Guerra Mundial, de várias nacionalidades, do ponto de vista das relações interpessoais nos campos de trabalho forçado (*Gulag*), prisões e desterro na Sibéria (livro editado também na Polônia em 1988, de forma clandestina, fora do alcance da censura); *Jak dostałem Brazylię w prezencie (Como ganhei o Brasil de presente)*, publicado pela *Universitas* (Cracóvia, 1998), livro que reúne vários ensaios de interpretação de várias obras de literatura brasileira, dentre outras, *O grande sertão: veredas* e *Os sertões*, poesia de Castro Alves, além dos poetas e escritores como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e autores do Modernismo brasileiro, dando destaque, na introdução, ao encontro de Henryk com Agostinho da Silva em Portugal, à grande obra deste pensador e à sua visão a respeito do Brasil, e como essa convivência contribuiu, significativamente, para a decisão de vir para o nosso país; *Rai nie do utracenia: amazońskie silva rerum (Um paraíso imperdível: silva rerum amazônico)*, também editado pela *Universitas* (Cracóvia, 2006), obra que reúne ensaios resultantes de estudos dos diversos temas relacionados à Amazônia, viagens e participação das expedições científicas, com destaque à história, diversidade cultural e às representações literárias; *“Architektura słowa” i inne szkice o Norwidzie (“Arquitetura da palavra” e outros estudos sobre Norwid)*, *Universitas*, Cracóvia, 2012, um estudo sobre a poesia de Cyprian Norwid, em seus diversos aspectos, a partir do pensamento filosófico sobre a linguagem que perpassa explícita

e implicitamente a sua obra; e *Szkice brazylijskie (Ensaio brasileiro)*, MHPRL, Universidade de Varsóvia, Varsóvia, 2015, composto por uma seleção de ensaios do autor sobre história, literatura e cultura do Brasil.

São as últimas publicações de capítulos de livros e artigos em revistas polonesas, indicados por Siewierski: *Ojczyzna jako, fragment większej całości Brunona Schulza (A pátria como "uma parte de algo maior" de Bruno Schulz)*, "Konteksty" (Varsóvia, 2019, n. 324-325, p. 194-197); *Jeszcze o "ateizmie" Lema, ale i o urokach "nagiej wiary" (Ainda sobre o "ateísmo" de Lem, como também sobre os encantos da "fé nua", in: Agnieszka Bielak, Łukasz Tischner (orgs.), Literatura a religia Wydawnictwa Uniwersytetu Jagiellońskiego, Cracovia, 2020, vol 2, p. 273-294; Polacy, literatura i kultura polska w Brazylii (Poloneses, literatura e cultura polonesa no Brasil, in: Jerzy Mazurek (Ed.), Polska i Brazylia – bliżej, niż się wydaje (Polônia e Brasil – mais próximo do que parece), Universidade de Varsóvia, MHPRL, Varsóvia 2020, p. 325-338; Babel dorzecza Amazonki i dobry język "nheengatu" (Babel da bacia do rio Amazonas e boa língua "nheengatu", in: Agnieszka Biedrzycka et alii (orgs.), Pogranicze czyli polskość... [Lugar fronteiro ou seja, a polonidade] . Wydawnictwa Uniwersytetu Jagiellońskiego, Cracovia, 2022, vol. 2, p. 105-114; e *Szyborska w Brazylii (Szyborska no Brasil)*, "Teksty Drugie", 2024, n. 1, p. 289-298, ensaio sobre a recepção da poesia Szyborska no Brasil, com destaque de análise de leituras de um poema, "Filhos da época", nos contextos políticos diferentes.*

Alguns capítulos de livros e artigos publicados em revistas em inglês e espanhol foram relacionados por Siewierski, a saber: *Four essays on Norwid, "Antemurale"* (Roma), 1982-1983, vol. XXVI, p. 147-215; *Jewish Issues in The Polish Literature of Exile in USSR, in: Norman Davies, Antony Polonsky (Eds.), MacMillan, London, 1991, p. 116-123; "Cartilla" Amazónica de Thiago de Mello, "Contextos" (Santiago de Chile), 2004, n. 11, p. 81-88; Utopia and Anthropophagy: Europe Beyond its Frontiers, "Third Text" (London), 2007, issue 5, p. 499-508; "Architecture of Word": On Norwid's Theory and Practice of the Word, in: Agata Brajerska-Mazur, Edyta Chlebowska (Eds.),*

*On Cyprian Norwid. Studies and Essays*. Peter Lang, Berlin, 2021, vol. 2, p. 67-100; *Adam Mickiewicz: Two poems and their Brazilian readings*, in: Tomasz Bilczewski et al. (Eds.), *The Routledge World Companion to Polish Literature*. Routledge, London-New York, 2022, p. 130-143; *The Works of Henryk Sienkiewicz in Brazil*, in: Grażyna Borkowska, Lidia Wiśniewska (eds.), *Another Canon. The Polish Nineteenth-Century Novel in World Context*, Lit Verlag, Zurich, 2020, p.165-174.

São algumas das traduções do português publicadas na Polônia e apontadas como mais relevantes pelo próprio Henryk: *Fernando Pessoa, Mensagem/Przestania*, tradução feita com Agostinho da Silva (MHPRL, Universidade de Varsóvia, Varsóvia, 2006, 2014); *33 wiersze brazylijskie/33 poemas brasileiros: Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Mário Quintana*. MHPRL, Universidade de Varsóvia, Varsóvia, 2010, uma antologia bilíngue de traduções elaboradas com participantes da oficina de tradução do Curso de Português na Universidade Jaguelônica, no primeiro semestre do ano letivo de 2009; Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto, *Zależność i rozwój w Ameryce Łacińskiej. Próba interpretacji socjologicznej (Dependência e desenvolvimento na América Latina. Ensaio de interpretação sociológica)*, Biblioteka Iberyjska, Universidade de Varsóvia, MHPRL, Varsóvia, 2008; tradução de cinco poemas de Carlos Drummond de Andrade, “*Literatura na świecie*” (*Literatura no mundo*), 2011, n. 1-2, p. 347-354; e *Jasne zagadki* (Claros enigmas), tradução da entrevista com Carlos Drummond de Andrade conduzido por Luiz Fernando Emediato, “*Literatura na świecie*” (*Literatura no mundo*), 2011, n. 1-2, p. 355-369.

A seleção confessadamente mais penosa para Henryk foi a dos autores poloneses vertidos por ele para o português. A opção do tradutor foi adotar o critério de recepção no Brasil. A lista desses autores é a seguinte: Bronisław Geremek, *Os Filhos de Caim. Vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400-1700* (1995); Bruno Schulz, *Lojas de canela* (2019) e *Sanatório sob o signo da clepsidra* (2025); Andrzej Szczypiorski, *Uma missa pela cidade de Arras* (2001); Stanisław Lem, *Nova Cosmogonia e Outros Ensaio*s (2019); e Zbigniew Herbert, *Um bárbaro no jardim* (2020).

Afora o registro dessa profícua produção teórica e tradutória em língua polonesa e noutras línguas, é relevantíssimo — a título de remate deste item — dar notícia da revista mensal que Henryk lançou em Portugal, cujo nome era *Aproximações: Europa do Leste em Língua Portuguesa*. Foi um periódico editado de forma muito precária e simples (com exemplares xerocopiados), a partir de contribuições dum grupo de amigos incentivados pelo Prof. Agostinho da Silva, como faz registro o próprio Siewierski, em entrevista concedida em 2011 (Siewierski; Nuto, 2011). A partir de 1986, quando o professor polonês chegou ao Brasil, a revista ganha vários colaboradores, além de boletim mensal e “Suplemento” anual impresso, que reuniu os textos elaborados ao longo do ano. A revista não teve vida longa e deixou de sair quatro anos depois

As *Aproximações* foram decisivas para assoalhar o trajeto tradutório de Henryk, desde que desceu âncoras por aqui. A revista criou um círculo de colaboradores notáveis, interessados em traduzir e escrever textos. Diz Henryk (*apud* Nuto, 2011) ter tido a sorte de conviver naquele tempo com Paulo Rónai, Aleksandar Jovanović, Judith Cortesão, Tomasz Lychowski, Vira Selanski, Julia Qarâp, Olympio Serra, Rubem César Fernandes, José Santiago Naud, Fernando Mendes Vianna, dentre outros.

### 3

Aqui chegados, cumpre buscar alguns indicativos que permitam enxergar alguns influxos decisivos no arcabouço teórico de Henryk, e, a partir dessas buscas, especular sobre alguns aportes teóricos reputados como os mais notáveis em sua trajetória.

É preciso assinalar, em primeiras miradas, a incontestável e confessa influência do pensamento de Mikhail Bakhtin na formação do jovem estudante de Filologia Polonesa, na Universidade Jaguelônica. Esse é um emblema que Henryk leva consigo. No extenso domínio da obra de Bakhtin, não esconde o professor sua predileção pelo *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997), obra da qual extrai percepções capitais para seus construtos. Aprendeu Henryk, na matriz do filósofo russo, por exemplo, a buscar a “[...] sensibili-

dade agudíssima para captar em cada palavra a existência de uma segunda voz, [a ouvir] vozes de mundos e existências inacabadas [e a ver] o mundo como um processo em formação e o homem como um ser em formação [...]” (Bakhtin, 2005, p. 11).

O rastreamento da segunda voz é, certamente, uma preocupação quase existencial de Henryk, denunciada em alguns de seus textos, no magistério e até mesmo em suas relações pessoais e profissionais. Aliás, é plausível afirmar que Siewierski valida a sentença steineriana de que o existencial é anterior ao cognitivo (Steiner, 2011). O *cogito ergo sum*, no abecedário de Siewierski, abarca a memória e a imaginação (Steiner, 2011), as saudades do futuro e a voracidade do presente — por meio de aproximações existenciais controladas pelo aqui e agora do sujeito interpretante do texto literário.

Seus contributos abrem portas para o envolvimento, sem travas, na urdidura dialógica do texto, pois Henryk aposta sempre na possibilidade de permutas e de intertextualidades no interior da própria textualidade literária. Não sem propósito, como professor e orientador de mestrado, doutorado e pós-doutorado, Siewierski mostra-se acessível à interdisciplinaridade — logicamente, sem abrir flancos ao “ecletismo fácil [e] o uso irresponsável de subsídios descontextualizados.” (Acízelo, 2016, p. 44). Henryk é, ademais, permeável às novidades, mas nunca as abraça de pronto. Não lhe agradam os excessos cometidos nas cumplicidades, interpenetrações e amálgamas entre filosofia e literatura. Para ele, as fronteiras da teoria literária são fartas e acolhedoras o bastante para as incursões do pesquisador de estudos literários.

Henryk instiga seus alunos a ver os heróis dialógicos não somente como participantes do ato narrativo, mas também como protagonistas do entrecruzamento das entonações de vozes. Esse estímulo abre trilhas para o desempenho do papel capital do leitor e receptor da obra literária — numa performance essencialmente fenomenológica.

Tal inferência traz algumas implicações, as quais — ao menos de soslaio — impõem outras escavações teóricas, essenciais para

buscar cenários compatíveis com as raízes do pensamento do Prof. Siewierski.

A primeira delas: é estimulante, no caso de Henryk, remeter-se à Roman Ingarden. Esse grande teórico polonês — lançando mão das noções de fenomenologia de Husserl —, a despeito de afirmar que as experiências do leitor não são parte integrante da obra literária, assinala a relevância do papel do leitor-receptor para a *vida da obra* e ressalta que a obra de arte literária — enquanto objeto de cognição — deve ser intersubjetivamente acessível no solo de seu modo de existência (Falk, 1981). Nesses territórios demasiado especulativos, importa ressaltar que Henryk encampou a ideia de que a chave existencial da obra literária reside na *experiência do leitor no ato de leitura*. Assim, para ele o leitor tem primazia na construção de sentido, apreendido pela interpretação, e esse processo pode envolver a antecipação da compreensão da obra, a frustração de todo processo, a reconstrução do texto, a atualização da obra ou — *non plus ultra* — a percepção existencial que se desvela no ato de leitura.

Dessas considerações resulta a segunda prospecção: o forte liame de Henryk com Wolfgang Iser e a Estética da Recepção. De fato, Henryk, como teórico culturalista, nunca abandona a análise da produção e recepção de textos literários como manifestações culturais, surpreendidas em suas confluências e reciprocidades. No entanto, preocupa-se ele claramente com o texto individual e a maneira como os leitores vão assimilá-lo. Siewierski a todo tempo deixa evidente que a centralidade do processo interpretativo é o próprio texto literário, que, por sua vez, é o barro a ser soprado pelo próprio leitor — esse demiurgo inquieto e curioso que participa do texto estabelecendo com ele uma *relação dialógica*.

Com Henryk, aprende-se que a distância histórica entre o texto e o leitor não evidencia que o texto perde suas aragens contínuas de novidade e renovação. Antes, é o caráter inovador que assume formas diferentes de atualização, num processo de transcodificação no repertório do contexto do sujeito interpretante (o leitor), ao qual Siewierski sabe conduzir, sedutoramente, seus alunos e leitores.

O último mergulho teórico também diz respeito à Estética da Recepção, mas desta vez, a abordagem recai sobre Robert Jauss. No universo das formulações desse teórico alemão, partindo-se da assertiva de que o desenvolvimento das artes modernas não se dá por em razão da estética tradicional de representação, alcança-se a anunciação da estética da recepção, cujo alicerce ultrapassa “as tradicionais definições da atitude contemplativa e [formula] a atividade estética exigida do espectador através de novas definições de poiesis do sujeito receptor” (Jauss, 1982, p. 604, tradução livre).

Em suas marchas investigativas, Henryk absorve de Jauss — e transfere a seus alunos e leitores — a ideia da *poiesis* como o prazer de fazer ou produzir, e essa ideia é transportada para o exercício hermenêutico em que fica evidenciada a hibridação das fronteiras entre quem é o produtor e quem é o espectador/leitor do texto literário. Assim, Siewierski dá indícios de ratificar que a experiência estética descobre a obra literária como domínio da “*criativa originalidade*” — algo que se aproxima do paradigma da criação do mundo e converte o espectador/leitor em *homo artifex* (Jauss, 1982).

Tais posturas parecem ser em Siewierski diretrizes e manifestações duma *hermenêutica poiética* — uma atitude conciliável com seu espírito investigativo, que trava embates contra esses tempos em que “a ausência de diretrizes fixas e valores hegemônicos [...] dificulta a definição de limites para o desempenho do leitor” (Rocha, 2010, p. 495), ou contra extremos ideológicos e seus a cada dia mais gravosos fardos. Nessas cogitações, decerto, é imperioso cogitar que outros autores concorrem para o exercício hermenêutico de Henryk. Ricœur, a título de exemplo, e sua *hermenêutica da suspeita* — vertida no desejo ser interpelado ou interpretado pela palavra do outro ou pelas diferentes figurações da realidade vivida — têm certamente influência determinante sobre ele. Todavia, o viés jaussiano afigura-se prevalente e incitador no múnus exegético de Siewierski, seja em sala de aula, seja em conferências ou em textos teóricos.

Exercer uma exegese poiética do ato de leitura, num mundo teoreticamente tão heterogêneo, com ingredientes dispersivos a ponto de favorecer interpretações tão múltiplas e díspares, anuncia-se ao teórico como atitude arrojada — uma incumbência que poucos desempenham com a erudição e fidalguia de Siewierski. Em sua hermenêutica — que aqui se tem a pretensão de batizar com a alcunha de *poiética* —, evidencia-se que a centralidade do texto literário só é possível quando este estabelece uma relação dialógica com o espectador/leitor e quando há suficiente abertura nessa relação para desencadear o desempenho poiético por parte do leitor. Não é demais repetir: o leitor passa a ser *homo artifex* da obra literária.

É pressuposto, nessa incumbência interpretativa, extirpar-se o *eu solitário*, considerando que só pode ter vida real um eu inserido num mundo habitado por uma complexidade de sujeitos interdependentes e inacabados. A hermenêutica poiética não é uma performance de solipsismo, como parece estampar a teoria de Jauss — e Henryk sabe disto. A incógnita a ser revolvida nessa exegese encontra saída na chave existencial da obra literária: na experiência do sujeito interpretante (leitor) no ato de leitura, desempenhada no seu aqui e agora, de forma possibilitar atualização e concretização à obra literária. Nessa pródiga trilha, o ato de leitura/interpretação segue como meio de autoconhecimento do sujeito, que quer transcender as condições limitadoras da mera *imitatio naturae* — e, em última instância, almeja perceber que o existencial, de fato, antecede o cognitivo.

Imprescindível registrar, em vias de acabamento deste ensaio, que a postura poiética também contagia as saídas para a equação tradutória de Henryk, e essa conduta é anunciada pelo próprio professor, quando — em entrevista concedida em 2011 — refere-se à experiência extraordinária da tradução direta a quatro mãos ou em grupo. Após salientar a relevância do grau de conhecimento da língua de origem, Siewierski situa que

[...] não menos importante é o grau de sua determinação e de sua criatividade neste

processo de superar os obstáculos linguísticos e as diferenças culturais. Além disso, neste tipo de tradução há um ganho adicional, *que é o próprio encontro. A tradução acontece porque as pessoas se encontraram com a finalidade de dar a um poema a chance de nascer também em outra língua.* (Siewierski; Nuto, 2011, itálicos não originais)

Dar chance ao poema de nascer também em outra língua é outra prova de desempenho poético, uma das façanhas que Henryk demonstra passíveis de serem executadas na tradução poética individual ou conjunta, entre poetas de nomeada ou entre professor e seus alunos. O tradutor, para Siewierski, também é um *homo artifex*.

Como última análise, dá-se realce ao zelo do grande professor polonês, enquanto tradutor em mão dupla, com a dialogicidade do ato de traduzir — uma atitude quase venerada pelo professor. Em *Sur la traduction*, Ricœur (2004, p. 19) enaltece a *felicidade* própria ao ato de tradução, quando o tradutor “[...]encontra sua recompensa no reconhecimento do estatuto insuperável da dialogicidade do ato de traduzir como o horizonte razoável do desejo de traduzir [...]” É fora de dúvida que Henryk desempenha seu ofício tradutório tendo como fiel da balança esse estatuto dialógico, com o fino deleite ser tradutor-poeta e poeta-tradutor, com o qual exime-se de pactos de fidelidade ou suspeitas de traição do texto original.

Em forçosa conclusão — já que estas linhas vão a velas cheias —, o que se pode afirmar é que a grande fortuna ensaística e tradutória de Siewierski inscreve-o no reduzidíssimo rol dos grandes intelectuais que aportaram nestas terras e ainda propagam, processam e aplicam seus conhecimentos e experiência para ajudar a interpretar estes Brasis. Diz Agostinho da Silva (2019, p. 35) que “quem tem uma obra, a obra o tem [...]”. A grandiosa obra de Henryk já o possui, e é patrimônio a um só tempo polonês e luso-brasílico — um tributo imorredouro à liberdade e à plenitude de realização e de excelência da condição humana.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FALK, Eugene Hannes. **The Poetics of Roman Ingarden**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1981.

JAUSS, Robert. Poiesis. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 8, n. 3, p. 591-608, primavera, 1982.

RICŒUR, Paul. **Sur la traduction**. Paris: Bayard, 2004.

ROCHA, Janine Resende. Hermenêutica literária na contemporaneidade. **Revista de Letras** (UNESP). Araraquara, v. 50, n. 2, p. 485-505, jul-dez 2010, Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/4710/4003>. Acesso em: 30 out. 2025.

SIEWIERSKI, Henryk; NUTO, João Vianney Cavalcanti. Opção pelas aproximações: entrevista com Henryk Siewierski, por João Vianney Cavalcanti Nuto. **Tradução em revista**. Rio de Janeiro, v. 10, 2011. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev\\_trad.php?strSecao=article\\_sp&fas=27143&numfas=11&nrseqcon=17851&NrSecao=11](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=27143&numfas=11&nrseqcon=17851&NrSecao=11). Acesso em: 30 out. 2025.

SILVA, Agostinho da. **Filosofia enquanto poesia: Sete cartas a um jovem filósofo, Conversação em Diotima, Filosofia nova e outros escritos**. São Paulo: É Realizações, 2019.

SILVA, Agostinho da. **Textos e ensaios filosóficos, vol. 2**. Lisboa: Âncora Editora, 2000.

SILVA, Agostinho; SIEWIERSKI, Henryk. **Vida Conversável – primeira edição completa**. Sintra: Zéfiro Edições, 2020.

STEINER, George. **La poesia del pensamiento**. Del helenismo a Celan. Madri: Siruela, 2001.

VIEIRA, Antônio. **Sermões: Padre Antônio Vieira**. Alcir Pécora (org.). São Paulo: Hedra, 2000.